

## **E hoje em dia, como é que se diz, eu te amo? - Relacionamentos à distância e distância nos relacionamentos.**

**Daniela Laskani**

Renato Russo se perguntou já na década de 90 “E hoje em dia, como é que se diz, eu te amo?”. Como será que o amor se faz presente na nova era? Que já na década de 90 começou a dar seus primeiros sinais de mudança nos meios de comunicação.

Embarco então aqui no desafio de discutir sobre distância e relacionamentos. Quantos caminhos há para se pensar a distância? Quais as metáforas da distância? E dos relacionamentos? Pensar a distância pela perspectiva arquetípica nos devolve a possibilidade de imaginar a distância de uma forma multifacetada, politeísta, campo de todos os deuses. Todos eles, em algum momento se relacionou e se distanciou de algo ou alguém. Um verdadeiro jogo da vida, aproximar-se e afastar-se.

Muito se ouve sobre a improbabilidade de um relacionamento à distância, mas o que se vê por aí são muitos relacionamentos acontecendo entre quilômetros, aproximado por telas de tablets e celulares. Em contrapartida, e vemos acontecer muito na prática clínica, não são poucos os relacionamentos distantes, separados por milímetros e sem contato erótico entre almas. Isso mesmo, corpos conectados entre quilômetros de distância e outros separados por distanciamento habitando o mesmo lugar.

Eros não se permite ver à luz do dia. O deus nos instiga a imaginar a sua imagem. Isso quer dizer que podem existir tantos tipos de relacionamentos quanto pessoas se relacionando. Robert Stein enfatiza, *Eros precisa ser restituído ao seu legítimo lugar como a função do intercuro humano criativo*. Eros tem uma função do princípio criativo de união. É na união de partes que se criam novas totalidades, portanto novas, diferentes e infinitas formas de amar.

Ao mesmo tempo que o amor flui para o encontro com a alma de outra pessoa, transita para o sentido inverso, fluindo em direção à própria alma buscando união interna e totalidade. Falar de amor implica falar de alma, princípio feminino presente na psique de todos os seres humanos segundo Hillman. Anima expressa o momento de identificação que intui como necessária, complementar de si. *Favorece a alguma coisa ou a alguém que ela ecoa*, parceiro reflexivo, torna consciente a noção de nossa inconsciência. Neste momento, o indivíduo diante de um outro que funciona como estímulo mobilizador, se deslumbra, tira o ego de cena. Uma força anímica provinda da alma que acaba buscando no outro uma forma de se pensar criativamente. A alma pedindo para ser acessada e exigindo uma nova configuração de si mesma. E não seria algo para se admirar, encontrar no espelho o próprio

brilho? Encontrar o próprio brilho, mesmo que seja no outro, é em si uma possibilidade de transcendência. Hillman faz um paralelo com a imagem das mariposas fascinadas pelo fogo, sendo as asas, o ar pertencente à alma e o fogo ao amor. O movimento da alma é em direção ao amor na tentativa de transformar a reflexão em vínculo.

Vivemos hoje numa época chamada pós-modernidade com a chegada da tecnologia virtual que permite uma ainda desconhecida relação com o tempo, espaço e com as pessoas.

Só podemos enunciar uma época sem comprometimento olhando-a à distância. Ainda não temos idéia sobre quais os desdobramentos que a tecnologia virtual transformará a sociedade como um todo. Quer dizer que não sabemos como serão a partir deste momento os relacionamentos amorosos que são permeados pela tecnologia virtual. Mas sim estamos vivos! Se um dos nomes de Eros é vínculo, onde houver relação, e caminho para se aproximar haverá vida.

Teorizar o amor é mais que um desafio, é uma cilada. Palácio ao discorrer sobre a vida dos principais filósofos que filosofaram sobre o amor viviam na mais profunda pobreza erótica. Se escondiam como um peixinho que se aproveita da sombra do tubarão para não correr o risco de ser engolido por ele. Sobre o dia a dia de um casal, de indivíduos que buscaram relacionar as partes que se complementam não há como traçar fórmulas, correções. Não há lógicas.

Se nem os sábios filósofos conseguem entender o que é o amor, *logo eu penso* que o amor pode ser tudo menos entendido. O amor, deve ser refletido, espelhado através de uma imagem anímica e só assim poderemos reconhecer a qualidade de seu desejo. Neste pequeno espaço, portanto, não me atreveria a reduzir o que significa um relacionamento à distância, nem muito menos traçar os distanciamentos que possam existir entre casais, o que proponho então é imaginar as perspectivas de distância nos relacionamentos que podemos vivenciar em tempos pós-modernos e de vida virtual.

Relacionamentos à distância existiam muito antes da chegada da tecnologia. Os meios de comunicação eram a partir de cartas, posteriormente o telefone, emails e chats. Mas, antes de tudo uma conexão que nunca se preocupou em ser traduzida por palavras ou mega bites.

Di Yorio conhecida pela sua experiência no atendimento de casais descreve alguns caminhos possíveis das fantasias presentes nos relacionamentos amorosos. O início de um encontro amoroso é marcado pela idealização do outro, uma escolha apaixonada, fase em que estabelece muitos planos e se ignora as diferenças individuais e as atitudes desagradáveis. Mesmo idealizada é uma fase fundamental para que se possa existir trocas

afetivas e vivências psicológicas profundas. Vive-se um rio de emoções capaz de arrastar esses indivíduos para as profundezas de seu mundo imaginal arquetípico presentes em suas psiques. Mesmo sendo precoce para afirmar sobre a natureza criativa da busca de si no outro, ainda assim é a tentativa de trilhar esse caminho. A tentativa de diminuir o abismo das distâncias de si mesmo.

Não há como fugir da idealização do outro, estará sempre presente, sendo a decepção proporcional ao nível de idealização. O aprofundamento do vínculo nos momentos posteriores dependerá da capacidade dos envolvidos em lidar com a frustração com que deparam quando o outro não mais corresponde à imagem idealizada ou o reflexo anímico no outro. Diante do desmoronamento da imagem, mais uma possibilidade criativa para imaginar a si mesmo e designar uma nova imagem para o outro. Abrir mão da imagem idealizada sabemos que não é tarefa fácil, ainda mais quando temos de lidar com o próprio ofuscamento que brilhou em outra alma.

No caso de relacionamentos que estão mediados por quilômetros, a forma de lidar com a realidade pode ser parcialmente olhada via tela de seu laptop ou celular. Pode funcionar como um filtro uv para não entrar em contato com o brilho ofuscado, o ser real. Porém não é o tamanho da tela que determina *o ser ou não ser* da relação, mas a disponibilidade dos indivíduos em lidar com a realidade. A disponibilidade para o aprofundamento na decepção. *Stare ou dis stare (estar ou não estar)*, eis a questão da relação. Estar na relação, estar em relação é estar vivo.

Se determinar o que é o amor é um caminho perigoso, não podemos tampouco ser sugados para uma perspectiva alienista de cura do mundo tecnológico. Ao invés de caminhar rumo à literalização e empobrecimento do que venha significar tecnologia, devemos procurar a visão de Afrodite, uma perspectiva nua do fenômeno virtual.

Não seria a tecnologia um fenômeno do mundo? Se a era virtual é um caminho sem volta, faz parte da alma do mundo, da *anima mundi*. Sendo a tecnologia um fenômeno animado, disponibiliza as mais diversas imagens e novas perspectivas na relação com pessoas, com o tempo e espaço. *Qualquer alteração na psique humana ressoa alterando a psique do mundo* e vice-versa.

A tecnologia só pode ser patológica quando privada de alma, em sua forma literal, ao invés de poder ser imaginada, animada. Imaginada inclusive como sintoma. Somente diante do potencial imaginal da tecnologia ou de qualquer outra *coisa mundana*, eros pode dar qualidade de sentido erótico atribuindo *material, ritmos, formas e movimentos*; tamanho, tela, paisagens, cenário, volume, língua e linguagem.

Para pensarmos sobre o assunto com responsabilidade estética, respeitando a complexidade da imagem apresentada tal como ela é, na sua beleza nua, pergunta-se *O que são relacionamentos e distância? Onde estão e de que pontos distam? Quem são os que se relacionam? Ao invés de só perguntar Porque se relacionam? Porque se distanciam? Como se relacionam? Como se mantêm distantes? Para que se relacionam?* A imagem é complexa e não pode ser simplificada como apenas projeção subjetiva, é preciso conectar o indivíduo com a alma do mundo, da forma como ele vem sendo apresentado.

Hillman aponta que fantasias de catástrofes nos rodeiam, anunciam o fim do mundo apocalíptico. Mas qual mundo que está chegando ao fim? A psicologia arquetípica na tentativa de levantar os fenômenos do mundo através de imagens nos convida a sair do literalismo, sendo a literalidade do mundo o principal fator provocador de todas as catástrofes vistas até hoje.

Muitos pensam a tecnologia, como a catástrofe da nova era. Bauman por exemplo compara os relacionamentos reais e os virtuais, atribuindo-lhes inclusive esses nomes *reais e virtuais*. Esses últimos como *fáceis de usar e manusear* e tem sua principal ferramenta na tecla *delete*. Ao mesmo tempo diz que é impossível aprender a amar ou dominar o amor, por se tratar de um momento único mesmo quando se apaixona mais de uma vez na vida. De novo, o amor busca a transcendência, um impulso criativo carregado de riscos. Um futuro misterioso impossível de ser descrito antecipadamente, um destino incerto em que o medo se funde com o prazer e alegria numa mistura irreversível. Ainda afirma que sem humildade e coragem não há possibilidade de amor. Como passar por uma tormenta sem a coragem para atravessar as (a)marés e a humildade para se deixar levar pela força das ondas? Não podemos determinar o *real* do amor. A fragilidade do amor consiste em suportar as vulnerabilidades em sua leveza ou superar a dualidade tentando domá-la, uma mórbida inclinação suicida de Eros. *O desafio, a atração e a sedução do Outro tornam toda distância, ainda que reduzida e minúscula, insuportavelmente grande...mãos que acariciam também podem aprender a esmagar.* A catástrofe do amor pode acontecer em qualquer distância. A catástrofe do amor pode inclusive ser “salva” pela distância. Deve, portanto, ser pensada individualmente e não como um conjunto de regras estabelecidas a priori.

Podemos fazer um paralelo das ideias de Hillman sobre a sexualidade na terceira idade com os relacionamentos que existem, porém carecem do corpo conhecido ou daquele com o qual sempre se relacionou. Ao escrever sobre o envelhecimento e o medo atribuído a esse fenômeno, o autor problematiza a sexualidade como um campo de imaginação que desperta e se intensifica diante da possibilidade libertária quando o corpo

se encontra limitado. Ele diz: *A medida que o poder físico diminui, a imaginação corre solta e selvagem*. A imaginação solta e sem censura, portanto, precisa de momentos sem corpo, sem literalização para exercer seu legado. Talvez seja essa a mesma ideia pensando de forma oposta, que afasta os corpos que estão próximos fisicamente, a falta da imaginação. O empobrecimento imaginativo cria distâncias, abismos nas relações.

Quando se abre portas para imaginar o amor e a sexualidade, não existem limites entre o céu e o inferno. Uma caixa de pandora repleta de seres mágicos podem finalmente sair da caixa convencional da normalidade e podem despertar sentimentos como vergonha e medo. Por outro lado, sentimentos mais aventureiros podem emergir juntamente com o medo do desconhecido, e assim, descobrir fantasias consideradas até então as mais ridículas, bobas, absurdas. Com elas fazer inúmeras piadas sobre si mesmo. *Erótica, portanto, move-se do grande amor para a grande gargalhada* (Hillman). Rir é um caminho possível, prazeroso e menos ameaçador para vincular-se com o desconhecido e o amor é sempre desconhecido, um desconhecimento sobre suas próprias fantasias.

As relações de *copresença* (termo usado por John Urry citado por Bauman) sempre envolvem *proximidade e distancia, sensatez e imaginação*, mas realça que a proximidade virtual pende em favor do afastamento, da distância e da imaginação. O celulares garantem um lugar seguro que anulam os limites de antigamente. Diz que a proximidade não exige mais contiguidade física; e a contiguidade física não determina a proximidade. O autor se pergunta se a rede eletrônica está serviço de facilitar a conexão ou de cortar conexões. E responde, que a proximidade virtual torna as conexões humanas simultaneamente mais frequentes porém banais, mais intensas e breves...

*A distancia não é obstaculo para se entrar em contato - mas entrar em contato não é obstaculo para se permanecer à parte*. Essa frase do autor ilustra bem o que estamos destacando aqui, distancia e vínculo são fatores independentes.

No entanto, o mesmo não culpabiliza a tecnologia pelo recuo da proximidade nas relações humanas, ele apenas aponta que os mecanismos virtuais facilitam o que chamei lá em cima de filtro uv para não entrar em contato com o ser real. Mantém uma distância cômoda e acessível. Vantagem para o mundo líquido e moderno. As habilidades do mundo não virtual vão caindo em desuso por exigirem um maior esforço e muitas vezes chegam a nem serem apreendidas, pois pode representar um desafio incômodo.

O corpo é em si o que aponta para o limite, o que restringe e o que aterra na liberdade imaginativa. Se vivemos em tempos de excesso de *pneuma*, de excesso de pensamentos, tempos de excesso de *espírito airado*, o corpo é o limite. Como imaginar com corpos? Como estabelecer a conexão entre os pontos que distam, corpo e imaginação? Falamos

anteriormente que anima é o fluxo, as asas e o ar, que busca se conectar com a chama de Eros, o fogo do amor. O amor se preocupa em vincular-se e a anima em se direcionar buscando a energia que estabelece uma conexão interior de conscientização sobre sua natureza inconsciente. Personificando a tensão dos opostos: fantasias e impulsos, profundezas e ascensão, corpo e espírito, para ser devidamente discriminado e posteriormente unido. Busca estabelecer a conexão criativa de união e totalidade.

*O amor busca proximidade, mas o desejo precisa de distância* intitula Esther Perel um dos capítulos de seu livro *Sexo no cativeiro*. Elucida a ideia da autora sobre necessidade do jogo de opostos como aproximar-se e distanciar-se na tentativa de manter a tensão fundamental para que a capacidade imaginativa de um casal não se esgote na intimidade.

O amor é um exercício de percepção seletiva. Nasce da imaginação, criativa no preenchimento dos nossos desejos e permite a transformação. Quando correspondido, nos faz sentir valorizados na medida em que o outro confirma suas projeções e expectativas.

Enquanto o amor é um ato de imaginação, a intimidade é um ato de fruição, e repetição. Os hábitos, rotina e familiaridade presentes nas relações íntimas geram sentimentos de segurança e tranquilidade. Os casais nesse momento se livram das cerimônias e dos constrangimentos. Se forma outra imagem do outro, conhecendo seus valores e falhas. O amor, portanto, se equilibra entre dois pilares: a entrega e a autonomia, o primeiro necessita de união e o segundo busca o distanciamento necessário. Estar muito distante impede a ligação, o vínculo, mas o excesso de união elimina a independência. É o excesso de proximidade que impede o desejo. Quando dois viram um, a ligação é impossível uma vez que já não existe o outro, não há com quem estabelecer uma união. O distanciamento é precondição para a ligação, um paradoxo essencial para a intimidade e para o amor. Ligação e independência, condições necessárias para o desenvolvimento seja do um, do outro ou do casal.

No início de um relacionamento o ato de entrega ocorre mais facilmente, pois as fantasias estão definidas externamente. Ainda há espaço para imaginar que não existe espaço algum, a alteridade é um fato, os dois ainda são distintos. *Gozam da distância que lhes permite sentir livremente a confluência do amor e desejo*. Ainda não estão diante dos conflitos que posteriormente de certo irão aparecer.

Ao contrário do que muitos pensam, não é o medo da intimidade, da entrega que distancia a relação do casal, mas o excesso de envolvimento que priva da liberdade e espontaneidade que o erotismo exige. Passam a sentir que a intimidade é sinônimo de aprisionamento, e então desencadeia o medo de ser engolido por ela. A distância necessária busca então delinear o limite entre o eu e o outro, uma vez que a excitação

sexual requer uma certa dose de egoísmo e não preocupação. Por outro lado, a intimidade preza pelo bem estar da outra pessoa com quem se está relacionando. É preciso separar o íntimo do erótico e para isso a distância é necessária. É dessa tensão de opostos que vive o desejo.

A intimidade que se busca na relação funciona como proteção da solidão e manter a distância para o erotismo significa deixar o conforto de estar em casal e se permitir sentir-se mais só. A insegurança que a distância gera é um requisito para manter o interesse numa relação. Mas o que mais observamos acontecer numa relação amorosa é o afeto abafando a atração. Um mundo moderno que conquistou o casamento por amor no qual a intimidade passa a ser a busca essencial do casal, muitas vezes invadindo ao invés de aproximar a relação. Se idealiza o diálogo aberto e sincero, mas ignora-se o corpo. Perel diz *Numa época em que poderíamos usar praticamente qualquer meio para nos ligar, precisamos exaltar e reconhecer as muitas formas pelos quais podemos tentar entrar em contato com alguém.* A autora está falando das multiplicidades de formas de se conectar com o outro, das múltiplas formas de se criar proximidade que não se limita em falar, mas estabelecer uma conexão de forma criativa que ao meu ver é possível distando há muitos quilômetros ou em poucos milímetros. A possibilidade de criar corpos onde não há e ampliar imaginação que se encontra atrofiada. *A imaginação erótica tem força para anular a razão,* o convencional, o tradicional e regras sociais. A imaginação que nos permite a liberdade para dar conta dos limites da realidade.

Pensando dessa forma, os relacionamentos à distância parecem ter vantagem na possibilidade criativa e imaginativa carecendo de um corpo físico. Mas será regra a falta de corpo num relacionamento à distância? E os corpos que se excitam diante de uma fala ou imagem? Corpo que também sente o limite de não poder vivenciar toda e qualquer fantasia. Um relacionamento comum da nova era. Que pode imaginar, fantasiar, e projetar futuros encontros e planos como qualquer outro relacionamento. Enquanto relacionamentos próximos fisicamente podem carecer de presença, de excitação, de fantasias e de planos para futuros encontros. Estar ao lado dia após dia não significa estar presente, muito menos vinculado ao outro. Pode inclusive por indeterminado período de tempo usar aquele filtro uv, sem proteção de tela, para não lidar com o ser real.

A intimidade sem limites como estamos vendo, pode ser a responsável pelo esgotamento do espaço para a fantasia que o erotismo necessita para sobreviver. Responsável também pelo sentimento de segurança tão almejado pelos casais na busca de sanar a insegurança provocada pelo desconhecido, pelos desafios dos labirintos do amor. A força que pode ser a responsável pela construção da própria força.

Não estou dizendo que um casal não possa criar intimidade se quiserem se manter vivos e acesos. Mas que a intimidade deve ser próxima o suficiente para manter a distância necessária para continuar se vendo separado do outro, para continuar se relacionando com o outro e mantendo o outro vivo. Se não houver o outro, tampouco haverá relação.

Vendo desta forma não é a distância o problema, mas o distanciamento da capacidade imaginativa. Ela pode ser um problema quando ela não aterra ou recebe um corpo para que possa perceber os limites da imaginação.

O corpo deve estar presente e ausente tanto em relacionamentos à distância quanto em relacionamentos presenciais. O corpo como o que aponta para o limite na capacidade da imaginação, concretização, *sublimatio* na imaginação e *coagulatio* no corpo, afastar-se e aproximar-se.

Para concluir, dinâmicas de casais e relacionamentos amorosos sejam eles à distância ou não devem ser pensados individualmente, caso a caso. Questionando sobre qual a dança de distanciamento e aproximação naqueles que se dizem se relacionar. Se usam filtros uv e através de quais telas. Se há realmente dois ou se foram consumidos pela intimidade do um. Sem reduzir o relacionamento a uma distância ou distanciamento, mas abrindo-lhes a possibilidade da falta de distância necessária para a manutenção da tensão que o erotismo exige para o espaço imaginativo.

O que mantém o relacionamento vivo é a dança, o jogo doa vida em aproximar-se e afastar-se, distância e proximidade, misturar-se e separar-se do outro, se perder no labirinto do amor e se achar fora da relação.

Dançando que se mantém uma relação em movimento, sem criar a fantasia de aprisionamento. A liberdade está presente na capacidade imaginativa do amor. Ao falar sobre liberdade, nos apropriamos da fantasia de que liberdade e amor não podem habitar o mesmo espaço. Precisamos nos libertar dessa idéia para que possamos vivenciar a liberdade diante de todas as nossas escolhas, *liberdade em* como diz Hillman, a liberdade de estar no tempo presente, exatamente da forma como vem sendo apresentado. É no vínculo e movimento que liberdade e amor se encontram.

Em tempos pós-modernos, presentes na era tecnológica, sim podemos nos manter vivos! Apenas se o líquido da modernidade puder vincular, fluir, e transitar entre os estados sólido e gasoso da alma do mundo.

Palavras-chave: Relacionamento virtual, distância, amor, imaginação e corpo

## Referencia bibliográfica



Alvarenga, M. Z. (org) *Anima-Animus de todos os tempos*. São Paulo: Escuta, 2017.

Bauman, Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

Di Yorio, V. *Amor conjugal e terapia de casal: uma abordagem arquetípica*. São Paulo: Summus, 1996.

Hillman, J. *Anima: Anatomia de uma noção personificada*. São Paulo: Cultrix, 1990.

Hillman, J. *The thought of the heart and the soul of the world*. Dallas: Spring publications, 2014.

Hillman, J. *The force of character and the lasting life*. New York: First Ballantine Books Trade Edition, 2000.

Maroni, A. A. *Eros na passagem: uma leitura de Jung a partir de Bion*. Aparecida, SP: Idéias e Letras, 2008.

Stein, R. *Incesto e amor humano: a traição da alma na psicoterapia*. Tradução de Claudia Gerpe Duarte. São Paulo: Paulus, 1999.

Palacio, R. *La vida erótica de los filósofos*. Bogotá: Libros malpensante, 2018.

Perel, E. *Sexo no cativoiro: Driblando as armadilhas do casamento*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.